

Collor não espera frente

O presidente Fernando Collor disse ontem ao líder do PDS na Câmara, deputado Amaral Netto (RJ), que espera não se defrontar com uma frente de oposição ao seu Governo. As eleições estaduais confirmaram o poder de três líderes políticos — dos estados mais importantes do País — não alinhados ao Palácio do Planalto: o governador de São Paulo, Orestes Quércia, responsável pela vitória de Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), e os governadores eleitos do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (PDT) e de Minas Gerais, Hélio Garcia (PRS). Os três ambicionam chegar à Presidência da República. “Ninguém será contra um governo que ainda tem quatro anos pela frente”, afirmou Collor ao deputado.

Amaral Netto voltou a dizer que o presidente não se sente derrotado pelas urnas, que também no Paraná, Espírito Santo e Rio Grande do Sul rejeitaram os candidatos apoiados pelo Planalto. Para Collor, o resultado “foi uma consequência normal da escolha popular”. Anteontem, quando já eram conhecidos os novos eleitos em grande parte dos Estados onde houve a disputa final, Collor disse a um assessor que agiu bem ao “manter a imparcialidade no segundo turno”.

Agora, o Governo irá avaliar os resultados das eleições para ver que lições pode tirar do processo. “O Presidente pediu para que eu também fizesse uma avaliação”, contou Amaral, que aconselha o candidato derrotado do seu partido ao Governo de São Paulo, Paulo Maluf, a não se candidatar “nunca mais”. O fracasso dele, avalia Amaral, representou uma perda de 40 parlamentares que poderiam migrar para o PDS. Para o líder, os resultados das eleições não vão detonar a sucessão presidencial. “Quércia é um caipira esperto, não irá se desgastar antes do tempo”, opinou — referindo-se à situação privilegiada do governador, que ao fazer seu sucessor aumentou o cacife para tornar-se o chefe político do PMDB e empreender sua caminhada à disputa presidencial em 94.

Com a definição do quadro eleitoral, o Governo ainda não decidiu se é uma boa idéia a formação de um bloco parlamentar de apoio que facilitaria as votações de médias do Palácio do Planalto no Congresso. “O presidente ainda está pensando”, afirmou Amaral Netto. O deputado, particularmente, é contra o bloco porque em sua opinião seria “forçar a barra” insistir nesta proposta agora. O risco seria empurrar o PMDB a uma aliança com outros partidos de oposição.